

A FÓRMULA DO INTINERÁRIO RUMO AO SIGNIFICADO DA REALIDADE

VIVER *intensamente* O REAL

Suponhamos estar nascendo, saindo do ventre de nossa mãe com a idade que temos neste momento, no sentido de termos desenvolvimento e consciência como os possuímos agora. **Qual seria o primeiro sentimento em sentido absoluto, isto é, o fator primeiro da nossa reação perante o real?** Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio de minha mãe, ficaria dominado pela **maravilha e fascínio** das coisas, como de uma “presença”.

ATINGIDO PELA REAÇÃO. Seria atingido pela reação estupenda a uma presença que é expressa no vocabulário corrente com a palavra “coisa”. As coisas! Que “coisa”! O que é uma versão concreta, banal, se preferirem, da palavra “ser”. O ser, mas não como entidade abstrata e sim como presença que não é feita por mim, mas que encontro, uma presença que se impõe a mim. Se neste momento eu estou atento, isto é, se sou maduro, não posso negar que a evidência maior e mais profunda que percebo é que *eu não me faço por mim*, não me estou fazendo. Não me dou o ser, não me dou a realidade que sou, sou “dado”. É o instante adulto da descoberta de mim mesmo como dependente de uma outra coisa.

**A alegria
desperta
em mim, cada
manhã.**

Luigi Giussani

NO IMPACTO COM O REAL. A experiência daquela implicação escondida, daquela presença arcana e misteriosa que se encontra dentro do olhar que se abre para as coisas, dentro da atração que as coisas despertam, dentro da beleza, dentro do maravilhamento cheio de gratidão, de conforto, de esperança, como poderá ser vivida essa experiência complexa, embora simples; essa experiência riquíssima da qual é constituído o coração do homem? Como poderá tornar-se potente? *No impacto com o real.* A única condição para sermos sempre e verdadeiramente religiosos é vivermos sempre intensamente o real. A fórmula do itinerário rumo ao significado da realidade **é viver o real sem censuras**, isto é, sem renegar nem esquecer nada.

(*O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009)

Mistério eterno Do nosso ser.
Ó natureza humana,
Se em tudo és frágil, vil Se és pó
e sombra, Como no alto vagas?

G. Leopardi

